Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 1.º de Fevereiro de 1908.* — Num. 3.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil)

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

Aux journaux ouvriers de l'extérieur

Nous prions tous les jornaux ouvriers de nous faire le service d'échange de leurs publications.

Adresser tout ce qui concerne ce journal à

LUTA PROLETÁRIA
Caixa Postal 580
S. Paulo—Brésil.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez **$500**
3 mezes .... **1$500**
6 „ .... **3$000**
1 ano .... **6$000**

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organísar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O Sindicalismo revolucionario

O sindicalismo — sò porque num ou outro paiz uma fracção de partido se chama ***sindicalista*** por achar essencial a ação sindical — è um partido politico novo, uma nova dotrina politica oposta as outras, ou è simplesmente a doutrina do sindicato?

E' certamente a doutrina do sindicato, da sociedade de rezistencia. Todos aquelles que, seja qual for a sua opinião e o seu metodo de ação fora do sindicato, aceitam a necessidade, a utilidade deste; os seus meios de ação proprios, e entram nelle são sindicalistas. Senão como haviam de ser membros do sindicato? Como compreender um organismo que não se defende, que não justifica a sua ezistencia, a sua propria utilidade?

O sindicato age como tal, com os seus meios proprios, no terreno em que se agrupa em volta dos seus interesses de classe que procura desembaraçar o mais possivel de interesses estranhos. Fora do sindicato, o socio pode fazer-se homem de partido, entrar na luta eleitoral ou combate-la ser membro dum grupo, não ligado por interesses de classe, mas por uma ideia.

Bastaria dizer ***sindicalismo***, porque. tendo-se adótado a palavra franceza por causa duma orientação nova — a neutralidade àtiva — diferente por um lado, do trade-unionismo classico, conservador e «paz social» duma neutralidade passiva, e, por outro lado, do corporativismo subordinado ou adjunto a um partido politico, a ideia ficaria jà espressa.

Mas faz-se uso, por vezes, do adjectivo ***revolucionario*** para indicar uma ***tendencia*** de agir mesmo fora do circulo estreito marcado pela legalidade feita pela classe inimiga, e contra ella, com os meios proprios do sindicato (que para isso se uniram os operários sindicados) e tambem a tendencia, o fim do movimento operàrio: emancipar-se da tutela duma classe, abolir as classes, organizar o trabalho pelo e para o trabalhador.

Assim o papel, o fim do sindicato é triplice:

1.º Uma obra de rezistencia quotidiana: é a tarefa reformista sempre dezempenhada:

2.º A abolição das classes, emancipação integral dos trabalhadores, fim a que aspiram mais ou menos vagamente os trabalhadores e para que tende os seus esforços;

3.º Reorganização do trabalho, transformação da oficina capitalista em oficina operària.

Todos os temperamentos e capacidades acham nisso campo vasto para uma ação com os meios para obter e empregar os quais se fundou precizamente o sindicato, grupo de interesses de ação dirèta operària.

Fora do sindicato, façam os sindicados o que quizerem, lutem como quizerem e filiem-se no partido que mais lhe apraza, ou não se filiem.

O nosso Congresso

Quais são, conforme o vosso parecer, os ensinamentos que os movimentos do ano passado trousseram aos operários do Estado?

Respostas:

Eu creio que os movimentos operários do ano passado nos têm demonstrado:

1.º que não devemos recuar deante dos obstáculos que achamos no caminho da nossa emancipação, embora isto nos custe bastantes sacrificios, pois houve gente, como os Martires de Chicago, que perderam a vida pela cauza que àtualmente nos incita á luta.

2.º que é preciso mostrar que não somos burros, do contrario obrigar-nos-ão a puxar carroças. Como bem disse Pedro Krapòtkine, um mau companheiro faz-nos mais dano que o proprio burguez.

3.º que o movimento de Maio nos trouxe bôas melhorias; mas as carroças ainda ezistem e ainda ha burros de duas pernas que as puxam.

Portanto guerra aos burros!

JUAN BOTELLO.

Comecemos per fazer guerra á mizeria que crece, crece sempre e jera vicios, delitos, embrutecimentos.

Um homem que luta com a fome, que tem a mulher enferma, os filhos que pedem pão, e chega a manter-se honesto é um santo, mas os santos são raros e os outros são homens.

Já sei, já sei, ser honesto é um dever, mas a sociedade põe a bem dura prova este dever, porque ha ao mesmo tempo o direito de comer para viver, direito com que èla pouco ou nada se preocupa.

LINO FERRIANI.

OS REIS DO DINHEIRO

O Rei do Aço, Charles M. Schwab, deu á irmã que se vae casar, uma dote de $ 4000000, além de valiosissimos prezentes de joias.

Um jornal burguez lembra que quando, recentemente, miss Pierpont Morgan se cazou com o sr. Satterlee, o pai lhe deu titulos do valor de um milhão de dollars, uma caza com proporções de palácio nas marjens do Hudson, uma tiara, um colar e um broche de brilhantes de um preço fabulozo.

Outra filha de milionaaio, miss Laura Me Lanchlin, recebeu nm milhão de dollars em prezentes, entre os quaés um serviço de jantar, de ouro massiço e um colar de brilhantes cujas pedras eram de 9 1/2 quilates cada uma.

Compensando tudo isso, porém, ha nos Estados Unidos uma terrivel crize de trabalho, reduzindo o operariado á mizeria e obrigando um grande numero de familias proletárias a emigrar para a Europa, na esperança de lá encontrar quem lhes alugue os braços em troca do pão quotidiano.

Isto chama-se *ordem*...

O sindicato, arma que destróe a sociedade burgueza, é o instrumento que edificará a sociedade operária.

A propózito d'uma conferéncia

No sabado passado realizou o sr. Vincenzo Vacirca, dirètor do *Avanti!*, uma conferéncia sob o tema: *Socialismo e Organização.*

Assisti à conferéncia e ao contraditório que se lhe seguiu e, apezar de alguns interessados afirmarem posteriormente o contrario, entendo que em certos pontos do contraditorio nenhum dos oradores tratou a questão da maneira como devia ser tratada.

Não vou aqui fazer um relato completo da conferéncia-contraditorio—apenas anotarei alguns pontos que entendo merecerem alguns reparos.

Depois de demonstrar o sr. Vacirca que o movimento operário tem uma orijem toda natural, surjido com o agrupamento dos operários nos centros industriais, passou èle a fazer a classificação do movimento nos diferentes paizes, dividindo-o com diversas feições e entre elas o trade-unismo inglez e norte-americano, o sindicalista e o anarcóide.

Disse que o mais antigo movimento é o inglez; estreitamente corporativista, que depois de muitos anos de ezistencia com o método de neutralidade em politica, adòtou ha pouco a luta eleitoral, tendo mandado ao parlamento uma porção de deputados. Perguntaço que se deve deduzir dessa rezolução dos trade-uniunistas inglezes, respondendo èle proprio que se èles depois de tantos anos de neutralidade em politica adòtaram a àção eleitoral foi por terem reconhecido ser este método melhor do que aquêle.

E' este um dos pontos em que o sr. Vacirca está em erro. Ver evolução onde sò se patenteia claramente uma demonstração de decadencia foi o que fez o dirètor do *Avanti!* O trade-unonismo, tanto na Iglaterra como nos Estados Unidos, está em franca derrocada. Com o seu carater estreitamente corporativo, pezado, refràtário a todo o movimento da transformação social, quasi formando uma aristocracia de classe, ajindo no circulo estreito das pequenas reformas e ezercendo sobre os não associados a mais infame das tiranias, está sofrendo golpes tremendos com a propagação do sindicalismo revolucionário, acessivel a toda a àção nova e transformadora aberta a todas as enerjias. E não se venha dizer o contrario—que ai estão os factos para o demonstrar. Nos Estados Unidos já ezistem fortes e numerozas organizações com o carater moderno, como por ezemplo a dos mineiros do Oeste e a campanha contra as arcaicas trade-unions prosegue com um vigor cada vez mais crecente; por se verificar basta lêr os jornais que de lá nos vêm. Na Inglaterra dá-se a mesma coiza. Ezistem lá organizações como a dos carroceiros, que adòtaram o sindicalismo revolucionário. Decadencia, pois, e não evolução, sr. Vacirca, é a que se verifica com o trade-uniunismo. O facto citado pelo sr. Vacirca é uma demonstração patente de convulsão rezultante do choque com um método completamente oposto. Dali seguirá a sua rota, até ao mètodo novo, esteja certo.

O movimento na Alemanha é um dos mais fortes, e de mais rezultados, disse o sr. Vacirca. Não disponho de espaço para tratar do assunto como era precizo, por isso tenho que tratá-lo muito lijeiramente. O movimento na Alemanha, sr. Vacirca, é importante em número passivo e diciplina obediente, militaresca. Com todo o seu colosso numérico e monetário tem-se demonstrado impotente e tem sofrido dezastres tremendos. Haja visto o lock-out dos metalurjistas e elètricistas. Forte é èle, mas no seu estado maior de dirètorias determinantes, la isso é. E depois, de rezistencia pouco tem. Aquela porção de contos è para socorro-mútuo, para a beneficencia. O operário alemão para não ter que se preocupar na ocazião com o seu enterro paga preventivamente uns tantos marcos ás ligas... Quer verificar como o movivento operario alemão tambem está progredindo? leia o jornal *Actian Diret* de Berlin e verificará como o sindicalismo lá abre brécha.

Quer uma prova em como è superior o movimento alemão? La vai:

Quando pezava sobre a Europa a perspectiva tremenda da guerra entre a França e a Alemanha, a Confederação Gèral do Trabalho de França mandou á Alemanha um seu delegado para entender-se com o secretariado das organizações operárias daquêle paiz sobre a conduta que deveria adòtar o operariado dos dois paizes diante da desgraça que sobre èles pendia. O delegado francez foi recebido pelos enfracados reprezentantes alemães com a maior indiferença, partecipando-lhe que nada poderiam decidir sem uma resposta do *kaiser* do partido socialista Bebel e sua companhia. Estes, depois de consultados, responderam que a guerra não se daria, pois «não tinha sido prevista por Carlos Marx» e que só entrarriam em acordo se as organisações francezas fizessem o mesmo que as alemães quanto ao estado maior do partido socialista: entrar em conchavos, ou melhor, que se prestassem aos seus joguetes. Nada; a melhor organização é a alemã, as francezas são anarcoides, pois pretendiam evitar que dois povos se massacrassem: Isso não é àção sindical: o que é àção sindical é enterrar defuntos, curar os arruinados pelos capitalistas...

Quem observar imparcialmente o movimento operário em todos os paizes notará forçozamente que se estendè rigorozamente uma campanha de transformação, de renovamento. Só não vê isso um como o sr. Vacirca, que na sua conferencia falou em «grandes beneficios» mas não citou um unico facto, a não ser o das vacas sujas de uma aldeia de Italia, onde, segundo èle disse «se ezistisse um Conselho socialista podia ser que se ganhasse a greve dos vaqueiros.

Quanto ao movimento pelas 8 horas na França, o sr. Vacirca àfirmou ter sido um «tremendo fiasco». Desafia-o a que prove isso, que eu me comprometo a provar o contrário. Sentenciou èle tambem que o movimento do norte da França, que está nas mãos dos socialistas—é mais importante, por não seguir o método sindicalista. Afirmar é muito facil; provar é que è mais dificil. Provas, factos é que se quer, sr. Vacirca. Bem; este ponto fica para o outro número, até que venham os factos.

Agora sobre o barulhento cazo dos intelètuais. Aposto em como a maioria dos que me léem ficam um momento refletindo para descobrir de que se trata. Mas è a tal coiza ésta jente que vem lá de fóra julga; que trazèm na mala misturados com os lenços todas as questões que por lá se debatem. Por que diabo traz o sr Vacirca essa questão á baila? Quem tratou aqui disso? Bem se vê que o sr. Vacirca vem da Italia. Lá, no belo paiz dos reformistas, intranjentes e integralistas debate-se isso, mas aqui não há razão para tal, homem de Deus. Lá justifica-se essa celéuma mas aqui é planta ezótica.

Para os leitores que não sabem do que se trata esplicarei a questão em duas linhas. Nas ligas, federações, camaras de trabalho italianas, etc., abundam como secretários pagos, dirètores, mentores, etc. os tais intelètuais, os não operários que tiveram a possibilidade de adquirir certos conhecimentos. Estes individuos dominaram o movimento italiano por muitos anos. Eram èles que decidiam tudo. Servindo-se do seu preparo, da sua cultura levavam as organizações para onde entendiam. Muitas ordens de guerra ou suspensão de movimento eram dadas por estes srs. das sacadas das Camaras de Trabalho aos operarios que na rua esperavam em massa.

Ha já algum tempo, acentua-se uma reàção contra esse predominio. Neste ultimo movimento jeneralizado verificou-se bem isso. Novas organizações se formaram e a campanha anti-intelètual prosegue vigorozamente. Os aplaudidos e aclamados começam a ser assobiados e... as vezes alguma coiza mais. Vem dai o pouco cazo, a guerra aos intelètuais de que falou o sr. Vacirca.

O sr. Vacirca que demonstrou tão bem que o movimento operário surjiu naturalmente em conseqùencia da transformação da industria privada nas grandes fábricas, dando orijem já não ás rivalidades de interesses entre os pequenos concorrentes, mas á luta entre os operários e o patrão comum, luta que demonstrou aos operários a necessidade de estabelecerem um acordo para a defeza de seus *interesses de classe;* o sr. Vacirca que soube demonstrar isso tudo não é capaz de se convencer que diante de tal facto histórico não se justifica a intromissão nas *organizações de classe de elementos a èlas estranhos?* E' nas organizações que não se justifica a intervenção dos intelètuais, e não na luta social pela transformação da sociedade em que vivemos, caro sr. dirètor do *Avanti.* Numa organização de classe não se deve admitir senão os da classe. A organização operaria não é questão social, nem esta se rezume naquéla.

A organização operária é uma face, se bem que a mais importante, do movimento social.

Quem é que nega a obra dos intelètuais na luta social? Isso é levantar castelos de cartas e atirar-se sobre êles. A obra dos inteletuais é grande, é imensa e quem o nega? E querer fazer pouco dela é obra de tolo. Mas não se confundam as questões, porque do contrario dão-nos o direito de dizermos que uzam desses meios por falta de argumentos sólidos com que discutir.

Muito tenho a dizer, sobre certos pontos da conferencia Vacirca, principalmente sobre a politica no sindicato, mas fica para outros números.

FREDERICO BRITO

Ao correr da pena

E' verdadeiramente dezolador o estado em que se encontra o operario, hoje

Não pode haver duvida no desenlace fatal se as vitimas da tirania não reajirem: os escravocatas do poder avançam firmes no seu propozito de tudo agrilhoar. A sua ira estupida, brutal sanguinaria, está ahí bem patente nas infamissimas leis recentes: espulsão e serviço militar obrigatorio.

Qual a resistencia que encontraram? Acaso os filhos do povo, a quem vem ferir dirètamente, offereceram combate aos inimigos?

Não! Então onde estás tu povo? por onde estás alma popular? Onde está vosso brio trabalhadores? Oh! sim, emquanto os chefes da tribú temperam as cadeias, para aljemar-vos o corpo minado pela fadiga, degenerado no bacanal dos alcoices, das tabernas, deixaí-vos ficar cada um a seu canto, dando provas de indolencia, de inatividade de fraqueza, de covardia. E quando ledes nos jornaes que em tal parte da Europa os nossos irmãos alcançaram uma vitoria, então lá vai a eterna chapa; *aqui não á união*, aquí não prestamos para nada: lá sim... lá sim... *Temos a sociedade, mas... não presta não ha solidariedade.*»

E dando uma volta pegam no chapeu, sáem para a venda, e emquanto empinam a caninha murmuram *não presta, não presta não á união.*

Santa ingenuidade!

Infelizes trabalhadores; quanto é grande a vossa ignorancia!

Então dizeis cá com franqueza: pensais mesmo que juntando meia duzia de companheiros, fundando uma sociedade em que cada um pague dois mil réis, está resolvido o problema?

O que entendeis por sociedade? Uma caixa com um rotulo?

Não, amigos, não; laborais em erro.

A sociedade é o agrupamento de uma classe ou mais, com um fim certo, com uma linha de combate definida e, para que êla dê rezultados, é necessario que entre seus membros haja harmonia, haja unidade de vistas, haja, em concluzão, fraternidade. Accontece isto hoje? Não! Dentro do seio das colètividades ha partidos, ha odios, ha rancores, ha questiunculas, e, o que é peior, ha ipocrisia. Eis ahi porque andamos de mal em peior, emquanto se fomenta a desunião nos gremios operários, a burguezia forja leis de repressão, que amanhã repercutir-se-ão dolorozamente em nosso meio.

Eis a triste realidade. Parecerá a muitos que não é tanto assim, porém é a pura verdade.

Agora que se vai realizar o Congresso Estadual, urje arrejimentar-nos fortemente; temos muito que tratar: temos, por ezemplo, os seguintes temas palpitantes:

Devemos revoltar-nos contra o serviço militar obrigatorio? Qual os meios a empregar?

Que atitude devemos assumir diante da violencia governamental, fechando as nossas sociedades quando estamos em grève?

Qual é o melhor meio de rebelar-nos contra a lei de espulsão?

Como estes á centenas de temas importantissimos que urje estudar, e o que é mais tratar de congregar fortemente o operariado, para pol-os em pratica, porque de nada valerá reunir um congressso discutir e depois correr um véo sobre tudo; é necessario atuar, atuar com enerjia, com dezassombro, com altivez; sobretudo nada de vacilações, nada de transijencias — quem não está com nós está contra nós.

Santos, 22—1—1908.

ALHER RIERA.

A unica guerra logica é a guerra de classe.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

AVIZAMOS

os assinantes de S. Paulo que na próssima semana o nosso encarregado Ferruccio Dona começará por nossa conta a cobrança das assinaturas.

Não deixem os companheiros de cumprir com suas obrigações, pois o jornal não tem outro recurso a não ser o ausilio dos que reconhecem a sua utilidade.

Os Chapeleiros

Continuam os chapeleiros a demonstrar uma àtividade, e um espirito de sacrificio admiraveis. A greve nas cazas Serricchio e Matanò e M. Vilella e Comp. continua (dura ha mais de um mez) sem que os operários tenham ainda perdido, uma parte se quer, do entusiasmo dos primeiros dias. Isto demonstra que a jornada de 8 horas *não foi conseguida pelo entusiasmo do momento, mas a necessidade dela está bem compreendida pelos operários de S. Paulo, cujo espirito de luta não enfraqueceu diante de mil arti-manhas, de tantas provocações, de tantos inqualificaveis abuzos.*

Venham agora dizer-nos que os sindicatos operários de S. Paulo são éticos, barulhentos, escasses de numero, de influencia e de dinheiro: quando estes mesmos sindicatos demonstram, com factos, como se luta, mesmo sem dinheiro, e como se vence, mesmo com pouco numero os capitalistas mais ou menos democraticos; quando, como fazem os Chapeleiros de S. Paulo somos capazes de defender as nossas razões contra tantos inimigos e as defendemos com uma constancia capaz de salvar, até em caso de derrota, a nossa dignidade de homens e de lutadores, todas as jesuiticas insinuações que contra nòs são dirigidas, não deixam de provocar entre as pessoas honestas o nojo para com os nossos agressores.

Mas... passemos adeante, pois não queremos que os adversarios, possam dizer que deixemos de lado por um minuto a nossa obra de propaganda para cuidar das suas mesquinhices.

Os chapeleiros têm-se reunido todos os dias para destribuir mantimentos aos mais necessitados e discutir miudamente as questões que ao seu movimento se referem.

Assim, naceu entre êles a ideia de fundar uma cooperativa di produção para dar trabalho aos grevistas e normalizar assim a sua condição económica. até que os patrões *cedam. Sabemos que os trabalhos para installação da* fábrica operária *vão indo de vento em pôpa. Provelmente, apoz a reunião que a* Commissão da Cooperativa *faz nestes dias, ser-nos-ão fernecidas noticias mais minuciozas sobre esta bôa iniciativa e déla nos ocuparemos no próssimo numero.*

***

Os Comitès da Federação *e da* União dos Sindicatos *reùniram-se na segunda feira para tratar da questão dos Chapeleiros e procurar o melhor modo de ir em seu aussilio.*

Prevaleceu a opinião de pedir a todos os operarios organizados da qualquer classe, a sua contribução em dinheiro, potendo, dár cada um em beneficio dos grevistas, a importancia de 1 dia de trabalho neste mez de Janeiro. Para submeter esta proposta á aprovação dos diversos Sindicatos foi deliberado convocar uma reùnião jeral de todas as Comissões esecutivas para o dia 30 deste mez.

Fabricantes de tijolos

Esta classe de operários é, talvez, a mais infeliz sob todos os pontos de vista. Quem assiste em uma olaría á fabricação de tijolos não pode deixar de perguntar a si mesmo se é possivel resistir a um trabalho tão anti-hijienico tão pezado como este. Submerjidos na lama até á cintura, húmidos de suor, sujos de barro até aos cabelos, seria dificil reconhecer nesses operários os semblantes humanos; de tal modo são êles embrutecidos pelo trabalho a que se dedicam.

Entretanto os fabricantes de tijolos recebem por este trabalho a mais irrisoria das compensações. Talvez alguem não acredite, mas é um facto que eles devem trabalhar *14 horas* por dia nas condições acima, para ganhar 3$500 réis. Além disto são obrigados a fazer *sem compensação alguma* outros serviços como: transportar lenha do barco até ao forno, cobrir os tijolos em tempo de chuva, atender á fornalha por 6 horas da noite duas ou trez vezes por mez.

Para procurar um pequeno melhoramento a estas condições de bestas resolveram os tijoleiros da «Conceição dos Guarulhos» fundar a sua associação de classe que desde Agosto do ano passado funciona regularmente. Esperavam êles a primeira *boa ocasião* para ezigir, como têm direito, uma mais humana condição de vida. Mas os proprietarios de olarias querem agora reduzir o miseravel pedaço de pão que jogam aos seus escravos e a paciencia destes, embora embrutecidos pela miseria, tem seu limite.

Em assembleia realizada em 26 de Janeiro os tijoleiros da «Conceição» resolveram apresentar aos donos das olarias uma petição ezijindo os seguintes salarios:

Por um dia de 10 horas	4$000
Tijoleiros — cada milheiro	4$500
Pipeiros » »	2$300
Tirar tijolos no rancho	1$000
Engradeatura	$700
Desformar	1$000

Tencionam os tijoleiros dar tempo até ao dia 9 de Fevereiro aos *patrões* para aceitarem as condições acima, cazo contrario não continuariam a trabalhar.

Os barqueiros transportadores de tijolos no Tiêtê, prometeram ajudar os seus infelizes companheiros neste mil vezes santo movimento e recuzarão-se a carregar os tijolos nas olarias onde estas condições não sejam aceitas.

Um conselho aos tijoleiros da «Conceição»: não estejam com as mãos na cintura, sejam energicos, e pensem que nunca, aconteça o que acontecer, estarão eles em condições peiores que as que até agora têm suportado.

Os tiradores de areia

Na reunião, bastante numeroza, que esta classe de operários realizou no sabado passado ficou definitivamente constituido o *Sindicato de Rezistencia entre os Tiradores de Areia de S. Paulo.*

Foi nomeada a Comissão provisoria com encargo de acelerar os trabalhos de inicio.

O sindicato aderiu á União dos Sindicatos de S. Paulo.

Aos Metalurjicos

Em todas as partes do mundo onde a conciencia operaria vai despertando dia a dia, ha, como sabemos, grandes organizações de classe e as mais fortes são as dos operários dos grandes estabelecimentos industriais, como os tecelões e os metalurjicos.

Entretanto, aqui em S. Paulo estas duas classes são as mais fracas, principalmente a nossa, que esteve algum tempo na avanguarda do movimento operário local e agora está de tal modo enfraquecida que quasi não dá signal de vida. Isto depende, com certeza, do desalento que se apoderou de nós apoz a quasi-derrota de Maio passado. Emquanto as outras classes de operários saíram vitoriozas do movimento, devido á sua atividade, á sua preparação para a luta, nos, os metalurjicos, fomos derotados quasi por completo e isto não por falta de àtividade, mas devido a pouca preparação das conciencias por falta de organização.

Se entre nós houve algum traidor isto deve-se attribuir tambem á falta de esperiencia e de uma bôa associação de classe. O que a êles faltou foi o ezemplo por parte dos companheiros de mais bôa-vontade que não se prestaram, como deviam, para se obter a vitoria na luta começada.

Isto bastou para que os menos concientes resfriassem, desanimassem, devido ao seu caràter, não digamos malvado, mas pelo menos muito fraco por causa da ignorancia, e assistimos á sua traição, vimos os nossos irmãos baixarem-se até fazerem o cumbade papel de Crumiros.

Agora, companheiros metalurjicos, está em nòs fazer com que a classe inteira torne ao antigo entuziasmo, á àtividade de outros tempos; está em nós, os de bôa-vontade, os mais concientes, fazer todos os esforços para dar o bom ezemplo e preparar os nossos companheiros para uma nova luta, que sairá vitorioza desde que saibamos aproveitar as ezperiencias que nos trousse o movimento dos operários de outras classes aqui, na Europa, em toda a parte.

Perdoemos aos que ontem foram os nossos mais acérrimos inimigos, procuremos tirar-lhes a venda que lhes tapa os olhos, façamos dêles outros tantos bons companheiros e preparemo-nos para novas, prossimas lutas em que êles demonstrem ter chegado a compreender o mal que nos fizeram — que a si mesmos fizeram.

Operarios metalurjicos! Avante sem receios!

Perdemos ontem — ganharemos amanhã! A luta! A' luta!

Não sejamos cobardes!

Viva a solidariepade operária!

DARTONIO

Os marceneiros

Contra o estraordinário

Muita àtividade estão demonstrando os marceneiros e carpinteiros para impedir que continue a ser adòtado o estraordinàrio nas fábricas de móveis e serrarias desta cidade. De facto, não ha quem não veja que o estraordinàrio é por si mesmo uma armadilha com a qual procuram os patrões alcançar o que não puderam conseguir no movimento de Setembro: isto é; A abolição do horario de 8 horas.

E os marceneiros devem fazer com que isto não se realize e se não pôem um remédio imediato a este estado de couzas muito mais custozo será abolir o estraordinário desde que ele se tenha jeneralizado. Já na ultima assembleia jeral da classe foi a questão bem esclarecida e os operàrios trabalhadores em Madeira estão convencidos de que, pela conservação das 8 horas, o estraordinário deve ser por êles estremamente combatido.

A bem da verdade, porém, devemos dizer que à Comissão para tal fim nomeada na mesma assembleia não foi dificil convencer os poucos companheiros que faziam o estraordinário, de que assim procedendo, prejudicavam-se e a toda a classe.

Já na fábrica de móveis J. Fioravante e Filho, e na serraria de E. Amedei foi o estraordinário definitivamente abolido; ficam ainda algumas fabricas e serrarias, mas com toda a certeza os operários destas cazas convencer-se-ão da necessidade de abandonar quanto antes este mau sistema.

Os patrões mesmos não escondem as suas intenções: até um sócio do sr. E. Amedei diz com toda a franqueza que se os operários continuassem ainda 2 mezes a fazer o estraordinario, no decorrer deste tempo as 8 horas seriam facilmente abolidas.

Cuidado, portanto, operàrios marceneiros.

Olhos obertos, pois, os patrões não dormem. Não trabalheis mais de *8 horas!*

Um boato e um patrão maluco

A ultima hora nos informam que os operários da Serraria E. Amedei, tencionam recomeçar a fazer o estraordinario. Não cremos! E' impossivel que isto se dê! Ha naquéla officina bons companheiros, àtivos propagandistas pelas 8 horas de trabalho e nos parece impossivel que êles tenham perdido tão cedo o juizo. A não ser assim como esplicar a sua àtitude, cazo o que nos foi referido seja verdade? Eles não ignoram que o tal Matacheo confirmou a uma comissão enviada pela Liga que é sua intenção fazer trabalhar estraordinario para logo depois, impor o antigo horario. E isto seria uma vergonha para êles e para a classe, que tantos esforços fez, está fazendo, para não ver-se obrigada a dar um passo atraz. Por isso não queremos ainda prestar fé aos boatos que correm e esperamos que os operários do sr, Amedei nos venham dar razão.

Disse mais o sr. Matacheo que daqui a trez mezes deverão os operários de S. Paulo ir ajoelhar-se perante seus annos (sic!) pedindo trabalho, que mesmo a classe dos pedreiros voltará daquí a pouco a trabalhar dez horas. Com certeza este homem escapou de Juquery ou está a espera para ali entrar.

Amigos da «Liga dos Pedreiros» pediram-nos hontem, para aconselhar a este tipo que não deixe de tomar banhos de chuva, pois dizer que os pedreiros voltarão a trabalhar 10 horas, quando todos sabem que o atual horario não pode sofrer modificações — a não serem élas em favor dos operários — é signal de loucura e agora, pelo que nos consta, não ha no hospicio lugares desocupados. Esteja alerta sr. Matacheo !!

Os pintores

Os operàrios pintores deviam realizar no domingo uma reùnião jeral da classe, no Salão Artistico — Boa Vista 22 — conforme um manifesto por êles publicado e que apareceu no numero passado da «Luta».

Esta reùnião não poude ser realizada devido ás artimanhas da *senhora policia* de S. Paulo.

Na noite de sesta-feira foram prezos dois operários pintores que colavam ás paredes da rua uns manifestos para chamar á reùnião os seus companheiros de trabalho. E', como se vê, o cumulo da dasfaçatez, pois nada ha mais licito, mesmo no mais autocrato dos governos, do que um cidadão distribuir ou afissar nas paredes convites para uma publica reunião.

Entretanto, estes *criminozos operários* estiveram 12 horas no xadrez.

Mais ainda: quando alguns dos sócios da «Liga dos Pintores» aprezentaram ao Salão para assistir á conferencia, o dono do mesmo — que alias já tinha sido pago do aluguel — restituiu o dinheiro, dizendo que já não queria que se realizasse a reunião porque neste cazo seria incomodado pela policia.

Dirá alguem: E a constituição? E a liberdade? E a Republica?

Ora, quem jamais pensou nisto? Bem disse na ocazião de uma greve o delegado de S. Bernardo: A constituição aqui sou eu!

PELO ESTADO

Campinas

A *Liga operaria* reunir-se-á em assembleia jeral no prossimo Domingo 2 de Fevereiro para proceder a eleição da nova comissão esecutiva e tratar de assumptos de caràter social.

***

Consta que Domingos Golozi com fabrica de macarão a Rua da Conceição, esquina Jeneral Carneiro, esta uzando para fabricar as suas massas a farinha de MATARAZZO.

Ninguem lhe deve comprar os productos. Os operários boicottem está fabrica até que êla deixe de gastar farinha desse pulha.

***

Por ter-nos chegado em atrazo fica para o prossimo numero o artigo de *um operario catolico:* **SURPREENDIDOS?**

Santos

Em 21 do corrente mez, reuniram-se os operarios Alfaiates para tratar da fundação de seu sindicato e numa nova reunião, realizada em 27, foi o mesmo definitivamente fundado.

Os aderentes dezejam pôrse em relação com os Alfaiates de S. Paulo para ajirem de comum acordo em qualquer movimento.

O *Sindicato dos Alfaiates* aderiu á Federação Local.

Ribeirão Preto

(João Carioca) Aceitando de ser provisoriamente vosso correspondente desta cidade, vós envio as noticias e apontamentos que se referem á vida operaria de aqui, lastimando que estas noticias sejam pouco consoladoras para os bom companheiros que tantos esforços fazem para elevar ao estado de homens os embrutecidos proletarios do nosso paiz.

Os operarios daqui durmem, e durmem de tal manera que não os despertaria um tiro de canhão. Desgraçadamente poucos são os companheiros que se dedicam aqui á fazer propaganda, e mesmo assim devem èles suportar a critica irazoavel dos inconcientes.

Naturalmente disso aproveitam os vampiros, as sanguesugas humanas e os pobres burros devem aguentar com todos os dezaforos, com todas as injustiças que lhe são feitas.

A oficina do «Banco Construtor» é, por ezemplo um verdadeiro ergastolo — a dois metros debaixo do solo — e ali trabalham os operários das 6 e meia da manhã ás 9 da noite com agua em baixo dos pés, privos de ar, anemicos, embrutecidos e mal recompensados.

Ali como nas oficinas da Mogyana é proibido aos operarios de serem socios da Liga sob pena de ficar despachados.

Como vedes, companheiros, a situação não é aqui das melhores, pelo contrario, é preciso muita propaganda e os redatores da «Luta» não descuidem de nós e procurem tirar á estes pobres nossos irmãos a venda que lhes oscura a vista.

E' o que tencionamos fazer, caro João, pois a «LUTA» para isto naceu e para esse fim caminha.

Não dezanimen os boms companheiros de Ribeirão Preto, como nós não dezanimamos, e a tal venda deve forçozamente cair. E' verdade, triste verdade, que tantos seculos de escravidão reduziram os nossos irmãos a condição de escravos voluntarios, *mas o espirito de rebeldia eziste, deve de ezistir, embora ao estado latente, no animo dos parias do trabalho e tempo a de vir em que uma pequena faisca acenderá entre êles o fogo da insubmissão. Até os burros acabam por dar um couce ao amo que os chicoteia!*

E quando estes operários chegarão a compreender de serem êles mesmos os culpados da sua desgraça, que, desde que o quizessem, seria-lhes muito facil livrar-se da um estado de couzas que os põe em condição de bestas; então os taes vampiros deverão cortar as uuhas e limitar a sua avidez de parazitas.

Propaganda, portanto, sem descanso e, como aconteceu, como está acontecendo em qualquer parte do mundo, os operarios ão de tomar o logar que lhe é devido, e afrentar seus inimigos com a força da qual dispõem e que agora,—por fortuna dos capitalistas — desconhecem.

N. d. R.

Franca

Uma bôa vitória acabam de alcançar os padeiros desta cidade: a abolição do trabalho nòturno.

Em assembleia realizada em 20 de Janeiro, ficou unanimamente deliberado ezigir esta reforma dos respètivos proprietários de padaria e para tal fim foi a estes enviado um *memorandum* onde se dizia:

« Já, nas cidades cultas e civilizadas, a *abolição do trabalho nòturno*, é uma realidade, por ser considerado anti-hijiénico e, por conseguinte prejudicial á saude. Assim, desde já avizamos os proprietários das Padarias abaixo nomeados, que *é nossa vontade* obter o **trabalho diurno**, e declaramos que, em cazo de formal recuza nos consideramos *em greve* esperando um acordo neste sentido, mantendo-nos em atitude calma, séria e deciziva ».

Isto bastou para que os proprietários cedessem; e desde o dia 22 de Janeiro o trabalho nòturno está definitivamente abolido em Franca.

Que dizem os padeiros de S. Paulo? Não lhes parece uma boa lição esta? Acham bonito ficar tanto *na bagajem*, em comparação com seus colegas do Interior?

Jundiahy

Nesta semana, foi distribuido entre os operarios o manifesto que aqui reproduzimos e que a Federação Operaria lhes dirijiu no intuito de dar novo impulso ao movimento.

A Federação Operária do Est. de S. Paulo

Ao operariado de Jundiahy

Companheiros,

Ha algum tempo que o movimento operario em Jundiahy está de tal modo paralizado, está tão enfraquecido que mal faz esperar pela conciencia dos trabalhadores que nessa cidade vivem. Ora este estado de couzas não pode continuar. Jundiahy não deve ficar átraz no movimento associativo do Estado de S. Paulo. Assim o ezijem os vossos interesses, camaradas, assim o ezije a vossa, a nossa dignidade. E antes que a situação peore ainda mais, achamos oportuno a nossa intervenção, o nosso apêlo que vos chame ao cumprimento do mais sagrado dos deveres. Jundiahy, que foi já, há tempo, um centro de boa propaganda, que demonstrou possuir enerjia e conciencia, deve continuar a acompanhar-nos na grande tarefa da emancipação humana. E para que isto se dê, para que os operários de Jundiahy não reneguem o seu belo passado de atividade é necessario dar nova vida, novo impulso á Liga Operaria. Continuar neste caminho, descuidar de tal modo da vossa associação de classe é, desculpai a franqueza, uma pouca vergonha e vós operários de Jundiahy não deveis fazê-lo.

Desprezai todas as mesquinhas questiúnculas entre companheiros, ponde de lado esta criminoza apatia que vos põe fóra do movimento operario! Séde homens, d'uma zez para sempre; mostrai-vos altivos e dignos de respeito!

Operarios de Jundiahy!

Nenhum interesse no guia ao laçar-vos o nosso estimulo, nenhum fim nos faz ajir a não ser a vontade de ver-vos unidos na defeza dos vossos interesses de classe.

Pelo vosso bem, pelo bem dos vossos filhos, a Liga Operaria, deve tornar-se uma agrupação forte e digua de vós para assim ser um obstáculo ás ezijencias gananciozas dos nossos inimigos. A' obra, portanto, companheiros de Jundiahy!

Para proceder á reorganização da Liga, e á nomeação da nova dirètoria, convidamos todos os operários a comparecerem na noite de Sabado 1.º de Fevereiro ás 7 e meia, na sède da Liga Operaria — Largo S. José — onde, para tal fim, estará um nosso delegado.

A Federação Operaria

Do Rio de Janeiro

Na ultima reunião realizada pela Comissão Provisoria da *Confederação Operária Brazileira*, foi rezolvido àtivar os trabalhos da mesma e enviar circulares a todas as associações operárias de resistencia do Brazil pedindo a sua adesão. Tambem foi rezolvido que, emquanto a Confederação não puder publicar o seu jornal, será seu orgão a *Luta Proletaria*. Secretario provisorio é o companheiro Ramiro Lobo, do *Sindicato dos Ladrilheiros*.

Operarios! Ninguem deve ir trabalhar na fabrica de J. DOS SANTOS MALTA.

DE FRANÇA

A agitação pelas 8 horas não foi de modo algum um dezastre, mas um triunfo.

Já decorreu tempo bastante para poder julgar o grande movimento operário que tomou como motivo a conquista da Jornada de 8 Horas no 1.º de Maio de 1906.

Rezultados morais

A ajitação das 8 Horas foi, ao mesmo tempo, uma lição de enerjia e uma lição de socialismo.

Lição de enerjia, porque uma das caracteristicas morais do operário, debilitado pela mizéria hereditária, — a fome lenta — é a falta de tenacidade no esfôrço. Ora, por um esfôrço de propaganda de 18 mezes (setembro de 1904 a maio de 1906), a classe operária habituou-se a essa virtude eficaz: a tenacidade.

Acostumou-se ás longas campanhas, aos planos concertados de antemão e levados a cabo.

Compreendeu que a sua emancipação não pode provir senão do seu esfôrço pessoal, que não pòde assentar sobre nanhuma intervenção esterior, nem sobre a beneficéncia do Estado.

A ajitação das 8 Horas foi tambem uma lição de socialismo.

Durante 18 mezes foi a luta de classe, a *verdadeira luta de classe*, melhor do que em qualquer campanha eleitoral. A classe operária tomou conciéncia de si mesma.

Vinte anos de prédica duma doutrina abstrata podem não deixar quázi nenhum vestijio, mas a acção — a acção, soberana educadora — torna logo essa doutrina palpável, compreensivel, viva.

As discussões, as lutas cauzadas pela reivindicação das 8 Horas, tornaram sensiveis a todos os que nelas tomaram parte muitos principios essenciais do socialismo... e quem não se lembra do memorável pánico da burguezia no 1. de maio de 1906.?

São factos como esses que manifestam a realidade da luta de classe aos mais rudes cérebros, como as imajens coloridas.

Sob outro ponto de vista — e é talvez o seu maior rezultado—a ajitação das 8 Horas fez ir a Confederação Geral do Trabalho para o primeiro plano da actualidade politica.

Fundada obscuramente em 1895, e contestada até 1902, foi só na luta contra ajencias de colocação (1902-1904) e nas campanha das 8 Horas (1904-1906), que se afirmou a Conf. G. do Trab. como organismo agrupando os sindicatos operários, organismo ao qual um sindicato não pode permanecer alheio sob pena de crumirismo. Em poucos anos, realizou a *vitalidade* e a *unidade* do movimento sindical, colocando-o sob a inspiração revolucionária.

Não é um rezultado colossal?

Desde o movimento das 8 Horas, parece morta a colaboração das classes; o millerandismo e as Comissões Mistas já se evidenciam como enganos, e é caracteristico ouvir Keufer declarar no "Comité Central do Livro" (10 de fevereiro de 1906):

«A realidade é esta: a votação patronal e o abortar para muito tempo da Comissão mista, é o abandono de toda negociação amigavel para entrar na periodo de combate.

Não dissimulo que é um dezastre para a nossa tática e para mim que sempre a defendi».

Rezultados materiais

O movimento das 8 Horas — movimento de educação de classe antes de tudo — não deu para todos a jornada de 8 Horas. Nem a podia dar; nenhum dos seus iniciadores o ignorava. Deu contudo notáveis rezultados parciais.

Seria precizo comparar os salários mizeráveis dos tristes tecelões do Norte, dos inertes eleitores de Guesde,—que vivem fora da actividade confederal, — com os salarios relativamente elevados dos operários cuja enerjia combativa é vivificada pela luta.

Em 383 greves para diminuição do dia de trabalho, em 1906, 201 *foram coroadas de victoria total ou parcial*, apezar de dificuldades excepcionais, do encarniçamento do patronato, do estado de sítio em muitas cidades, e da intervenção do govêrno, que se manifestou por 482 condenações correccionais.

Os *lenhadores* do Cher obtiveram uma redução de 15 horas para 10, e uma elevação de 40% nos salários.

Os *viticultores* salariados do Sul conquistaram a jornada de 8 horas e 25% de aumento no salario.

Os salários dos *tabaqueiros* passaram em dez anos, de 5 fr. 15 a 5 fr. 90 (médias para homens); pois os salários dos *fosforeiros* — dos quais 90% são sindicados — passaram de 5 francos a 6 fr. 68, com 9 horas de trabalho.

Os *cabeleireiros* obtiveram o encerramento a horas normais.

Os *tipógrafos* parizienses, abandonando o método Keufer, conquistaram a jornada de 9 horas, pagas a 7 fr., 20, em vez de 6 fr., 50.

Na *joalharia*, onde a greve por escala, por caza, continua ha mezes com rezultado, jornada de 9 horas.

Na *construção*, os rezultados foram particularmente brilhantes, e de ha um anno para cá, a nova federação unificada da Construção, conta innúmeras vitórias, continuando a ajitação decidida no Congresso operário de Bourges pelas 8 horas.

Carpinteiros, terraplenadores, tubistas, canteiros, rebocadores, alvaneis, estucadores, diminuiram as horas e elevaram as pagas.

Não alonguemos a lista concludente: o ézito sorri aos audazes.

O Ministério do Trabalho acaba de publicar alguns algarismos oficiais que permitem medir a estensão do movimento confederal, realizado em 1906, apezar da opozição dos patrões, dos polícias e dos dormideiras.

	1905	1906
Número de greves . .	830	1.309
Número de grevistas .	—	438.466
Dias de greve.	2.746.684	9.438.594

Os departamentos mais combativos são os seguintes:

Sena	126.126	grevistas
Passo-de-Calais . .	46.229	»
Norte	45.962	»
Loire.	30.905	»
Ródano	22.631	»
Isère	18.337	»
Meurthe-et-Moselle	11.672	»
Bocas do Ródano.	9.560	»

Urje destruir essa lenda imbecil, espalhada no estranjeiro, da ineficácia dos sindicatos francezes, porque não eziste no mundo paiz onde a porcentajem das greves triunfantes seja tão elevada como em França.

Pelo contrário, as trade-unions inglezas são impotentes. Depois do fracasso da grande greve dos mecânicos de 1897, não ouzam travar lutas, sentindo-se batidas d'antemão.

Vãs sociedades de socorros mútuos, inúteis oficinas eleitorais, assistem impotentes ao lento abaixamento das condições de vida do operariado inglez.

Bem diversos são os sindicatos francezes. Estabelecendo a percentajem sobre a sua verdadeira baze, isto é, sobre o número de jornadas de greve, a proporção das greves seguidas de triunfo total ou parcial estabelece-se em França do modo seguinte:

Numero dos grevistas beneficiados

De 1890 a 1900 61,38 por cento
De 1901 a 1904. 79 » »
Em 1905 . . . 83,24 » »

83 por cento de beneficiados!... Eloquencia dos algarismos: que mais dizer?

Paris, 8 de Janeiro de 1908

A. Bruckère

Para dar lugar a este artigo apropozitado do conhecido propagandista Bruckère, que foi delegado da Federação Socialista do Sena (Paris) ao Congresso do Stuttgart, rezervamos para outro número o prometido estudo sobre o trade-unionismo norte-americano do mesmo autor.

CRONICA INTERNACIONAL

Inglaterra

UM CONGRESSO OPERARIO

Incontestavelmente, se os telegramas falam verdade, o metodo sindicalista está progredindo entre os operarios organizados da Inglaterra que até hoje se tinham conservado amarrados ás velhas e prejudiciaes taticas, que o sindicalismo acaba de derrotar.

Um milheiro de operários representando dois milhões de associados, reùniram-se num congresso, em Hull, no qual discutiram os mais interessantes problemas referentes ao movimento operário. Mas a discussão mais importante foi o que se referiu ás finalidades do movimento operário e suas relações com o partido socialista.

Com 510 votos contra 469, foi aprovada uma ordem do dia em que se aferma a neutralidade

a independencia da organização operaria em face dos partidos politicos, acrecentando que o movimento operário deve ter em vista a sociolização dos meios de produção e por consequencia a espropriação dos capitalistas detentores e monopolizadores da riqueza social.

E' o sindicalismo triumfante, como se vê, nas organizações operárias inglezas, pois foram completamente derrotados os poucos mal-intencionados que pretendiam reconhecer o partido socialista como espressão politica do movimento operário — Hosalá, que os jornaes que esperamos da Europa nos venham confirmar esta bôa noticia!

E' o que dezejamos para bem das grandes organizacões operárias da Inglaterra.

A manha dêles

Os insaciaveis patrões nunca deixam perder a occasião de reprimirem qualquer ezijencia dos operarios. Quando os operarios se põem em greve para conquistar qualquer melhoria, êles, alem de pedirem socorro á policia, procuram todos os meios de iludir os operarios dizendo lhes, que por «este momento não podem ceder o que lhes é pedido», porque as «suas condições financeiras ou commerciaes não o permittem... que ficariam prejudicados se fizessem ganhar mais ou trabalhar menos os operarios,... que na occasião de uma greve não podiam deixar de tomar crumiros, porque ficariam arruinados,... que não podem satisfazer as ezijencias dos operarios porque... sofrem a concorrencia dos outros fabricantes... e têm o descaramento de dizer que fazem beneficio aos operarios dando-lhes trabalho, subsidiando hospitais para quando ficarem doentes, etc...»

Pode-se dizer o contrario?

E' de bôa fé que os patrões respondem dessa maneira? Não!

Nenhum patrão fica prejudicado nem arruinado, porque o que êles pagam mais pela mão de obra, ganham-no depois na venda, e eu acho que um individuo que vive á custa dos outros, e não do proprio trabalho, não está arruinado.

Ainda mesmo que pagassem com 50 por cento mais a mão de obra, e a vendessem ao mesmo preço que antes, êles teriam sempre um lucro quinze ou vinte vezes superior ao dos operarios.

Que nós importa, a nós, a concurrencia que podem sofrer dos outros fabricantes? Porque não tem êles consideração conosco quando nos substituem por outros operarios de menor salario?

Nós não podemos ter em consideração se o patrão sofre concorrencia, porque apezar disso ganha sempre mais do que nós. Se êle fechar a fabrica, iremos trabalhar noutras, que farão o trabalho da sua. Se querem fazer-nos um «beneficio», porque não deixam a fabrica nas nossas mãos em vêz de dizerem que têm prejuizos com a satisfação das ezijencias dos operarios?

Quem lhès pediu que subsidiassem hospitaes?

Farão isso talvez para o nosso bem?

Mas se êles nos quizessem bem, podiam evitar-nos o incómodo de ir ao hospital, pagando melhor a nossa mão de obra, diminuindo o horario de trabalho, tendo a fabrica em condições ijienicas e pondo em pratica toda e qualquer medida que possa garantir a nossa saude e o nosso bem-estar.

Tudo o que fazem e dizem é para illudir-nos; fazem ver que é um sacrificio aumentar-nos o salario, e que são caridozos subsidiando hospitais (com o nosso dinheiro).

O que êles querem é que nós sejamos uns brutos, que não tenhamos tempo de estudar, e força de pensar nas nossas condições, que reconheçamos o patrão como coisa necessaria e sejamos humildes, sujeitando-nos a qualquer abuso, — para que nos possam esplorar melhor, até nos sugarem a ultima gota de sangue, e nos atirem para um hospital onde findemos os nossos dias — emquanto êles se rogosijam e engordam cada vez mais.

HEITOR BRAZIL.

Com a greve jeral realisar-se-á a espropriação capitalista.

ESCOLA LIVRE

Educar os nossos filhos nas novas ideias de emancipação humana, subtrai-los á educação mentiroza e dogmática dos padres, á prejudicial influencia do estado, — eis a mais bela a mais necèssaria das tarefas.

Bem o compreendeu o nosso amigo Francisco Agnello que na sua escola «1.° de Maio» adòptou, e está adòtando, novos e bons métodos de instrução livre e racional.

No domingo passado trousse êle os seus alunos á nossa séde onde os amigos Aurelio Coli, Vito Zaccara e Angelo Lunetta procederam aos ezames de encerramento do curso escolar do ano passado.

Eis o rezultado:

Passaram da 1.ª Classe: Julio Zannotti, S. Spina, Assunta Di Cicci, Berto Geraldi, G. Zanni, Luigi Cicotino, Lucio Santoro e Antonio Aquino.

Da 2ª. Classe: Domingo Di Lascio, Vito Mannana, Maria Sarocco, Carmelo Mannano, Irmãs Briganti, Americo Gentile, Irmãos Aloi, Irmãos Lunetta, Carlo Natale, Pasquale Malizia, Giovanni Scollari, Battista Barone, Giuseppe Mandalone, Augusto Grasso, Gaetano Gentile, Adelina Masiello, Maria Silveira, Josè Braconaro, Irmãs Lauritano, Raffaele Risaffe, Alfredo Di Marco, Pasquale Di Lascio, Raffaele Naccarato. Silvestro Leambi, e Isidoro Diacono.

Da 3ª. Classe: Irmãos Giuliani, Vicente Bruno, José Castiero, Severino Milan, Pascoal Carnevale, Domingo Satorino, José Risaffe, José La-Gamba, Miguel Di Prina, Pascoal De Roza, Graziano di Prina, Pedro Brignani, Pascoal Pengue e Antonio Aquino.

Importante

A todos os companheiros que já receberam dinheiro dos bilhetes vendidos para a nossa festa, que se realisará no dia 15 de Fevereiro, pedimos entregar as quantias recebidas á commissão da festa que se encontra todas as noites nos nossos locaes das 7 ás 10 — isto até 8 de Fevereiro.

A COMISSÃO.

Festa Social

A *Liga dos Macreneiros*, vae realisar em beneficio dos seus cofres uma *soirée* social, á qual não deixarão de assistir os collegas e os amadores das nossas festas.

A festa realisar-se-á no salão «Eden Club» Rua Florencio de Abreu n. 22 no dia 15 de Fevereiro e será desenvolvido o seguinte:

Programa:

1.° — ***Il Martire***, prologo do drama "*Il Giustiziere.*"
2.° — ***Conferencia*** em portuguez.
3.° — ***Senza Patria***, drama social em 2 actos, de P. GORI.
4.° — ***Recitação de poezias*** em portuguez e Italiano, por *creanças*.
5.° — ***Triste Carnevale***, drama social em 1 acto.
6.° — ***Conferencia*** em italiano.
7.° — ***La Lettera***, monologo.
8.° — ***Greve de Inquilinos***, bellissima farça de átualidade, a proposito da recente agitação dos inquilinos, escrita por NENO VASCO.

Haverá uma optima orchestra que executará varios himnos revolucionarios.

N. B. — Em vista de haver entre os companheiros alguns que gostam de danzar, resolvemos finalizar a nossa festa com um pequeno

BAILE

REUNIÕES

Vidreiros de Agua Branca. Reunião jeral no local de costume Domingo 2 as 10 horas para tratar do jornal e outros assumptos importantes.

Pedreiros. Reunião jeral da classe no Sabado 1 de Fevereiro as 7 e meia na Sede sócial.

Canteiros. A comissão esecutiva se reune todas as quintas feiras na sede. — Todos os segundos domingos do mez á assembleia jeral ordinaria. Assembléia Domingo 2 de Fevereiro as oito horas da manhã.

Marceneiros. Assembleia jeral da "Liga dos Trabalhadores em Madeiras" todas as sesta-feiras.

Costureiras de Carregação. Domingo 2 de Fevereiro as 2 horas da tarde no Largo do Reachuelo 7 A reunião jeral para: comunicações da comissão.

Alfaiates de encommenda. Reunião jeral para tratar de assumtos importantes na segunda feira 2 de Fevereiro.

Pintores. Assembleia jeral dos socios do Sindicato, Domingo 2 de Fevereiro a 1 hora da tarde na sede social a Rua José Bonifacio, 33.

Balancetes

BALANCETE JERAL DO SINDICATO DOS TECELÕES JULHO a DEZEMBRO 1907.

ENTRADAS:

Julho	55$500
Agosto	79$500
Setembro	68$000
Outubro	65$000
Novembro	46$500
Dezembro	31$000
Total	345$500

SAIDAS:

Quotas a Federação		46$000
Aluguel de casa		120$000
DESPEZAS JERAES:		
Julho	17$600	
Agosto	50$700	
Setembro	74$000	
Dezembro	12$000	154$300
Total		320$300
Saldo		25$200
Saldo anterior		73$300
Em Caixa		98$500

BALANCETE DA GREVE DE MAIO

Entradas

Para não ocupar espaço inutilmente domos só o total das entradas que foram publicadas diariamente *in totum* no jornal *Avanti!*	9:454$200
Total	9:454$200

Saidas

Subsidios:

Distribuidos dirètamente pelos metalurgicos	5:805$500
Ao Sindicato dos Tecelões	255$000
» » » Sapateiros	758$700
» » » Masseiros	20$000
A' União dos Pedreiros	136$000
» » » Gráficos	120$000
Aos Trabalhadores em Madeira	30$000
A' familia de Sorelli, durante a prizão do nosso companheiro	60$000
A Vitoria Sturari	25$000
» C. Bernacca	120$000
» J. Calegari	2$000
» Scozzesi	25$000
» Pedro Mari	10$000
» Paolo Dazzi	10$000
» Paolo Ghidetti	10$000
» J. Caldeirão	10$000
» Armenio	10$000
» C. Bertolli	1$000
» Ernesto Volpintesta	10$000
» B. Pereira da Rocha	30$000
» A. De Stefani	10$000
» Felice Mecucci	10$000
» A. Bacchiani	20$000
» Gaetano Molinarelli	15$000
» Giuseppe Ippolito	25$000
» Emma Struechi	60$000
» Angelo Lanza	10$000
» Armenio	55$000
» João (fabrica de canos)	20$000
» Maria das Dores	10$000
» P. G. (Lapa)	20$000
» Pasquale Capeci	20$000
A transportar	7:683$200

FOLHETIM

N. 3

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

variam de 5 a 15 francos diarios; no campo oscilam entre 18.75 e 37.50 por semana, além da alimentação.

Entre outros, os operarios em calçado ganham 50 francos por 48 horas de trabalho.

E em Nova Zelandia (como na Austrialia), a vida é tambem muito economica. O pão custa 12 centésimos, a carne de vacca, 20 centésimos, a de carneiro, 32 centésimos; o assucar 30 centésimos, a libra.

Segundo vemos, a vida material é muito barata, e se o operario australiano fosse «economico» no sentido burguès da palavra, restringiria o seu consumo e conseguiria grandes economias; mas, então, reduzindo o consumo, a produção resentia-se disso e os salarios tenderiam a diminuir. Em vez disso, o operario australiano (como o operario norte-americano) cria-se novas necessidades e goza duma existencia mais ampla que os operarios da Europa, e dahi resulta que a elevação do salario é causa de maior produção.

Ganhando esplendidamente a vida, o operario australiano não se asbtem de nada: não repara nunca no preço dum objecto ou dum prazer que lhe agrade; assina muitos jornaes, frequenta os casinos, os sindicatos, etc; não poupa nenhuma satisfação á sua familia.

A demonstração é suficiente; aos dias prolongados de trabalho correspondem salarios miseraveis, ao passo que os DIAS DE TRABALHO CURTOS TEM POR CONSEQUENCIA, OS BONS SALARIOS.

Por conseguinte, não se tema a luta: em comunhão de ideias, em acção comum, realizemos O DIA DE TRABALHO DE OITO HORAS.

Os exemplos anteriores provam que os salarios elevam-se ao mesmo tempo que se eleva a consciencia operaria, e que esta elevação dos salarios é independente do custo da vida.

E' certo que emquanto os trabalhadores persistirem na inercia, o seu salario sofrerá fluctuações dezastrozas para êles; o salario, na actualidade, varia segundo a maior ou menor abundancia de operarios desocupados, e ás vezes, chega a descender do minimum necessario á existencia puramente material.

Afortunadamente, graças á associação operaria, este estado de inconsciencia desaparece; os trabalhadores adquirem vontade e estão resolvidos a modificar o meio social e decididos já a não sofrer benevolamente e sem resistencia as condições patronais.

Hoje, o nosso esforço de vontade concentra-se sobre a diminuição do dia de trabalho: queremos conquistar alguns momentos de liberdade reduzindo a OITO HORAS o nosso tempo de trabalho.

Porém o problema não se aprezenta dentro duma unidade de aspecto simplista, porque as formas de produção são variadas, e por isso a acção que se ha de realizar apresenta-se sobre diferentes fases. A cada um de nós compete agora pensar nisso.

A todos nós compete examinar — segundo a nossa profissão, o nosso oficio, a nossa especialidade... e tambem segundo o nosso modo de trabalho—as melhores condições de realização do dia de OITO HORAS

Ao lado da propaganda de conjunto, comum a classe operaria solidarizada, cada sindicato precisa de examinar a questão no seu ponto de vista especial e prevêr os meios de acção adequados á sua situação particular.

Se somos pagos por mês, por semana, por dia, o caso é simples: reduzimos o tempo de trabalho e exigimos o mesmo ou maior salario que antes.

Se nos pagam por hora, temos que dividir por oito quanto ganhamos por dia actualmente e exigir por hora a quantia que resultar dessa operação. Exemplo: se recebemos 4$000 por 10 horas, exigiremos 500 reis por hora, em vez de 400; se nos dão 450 reis por hora e, para chegar ao magro salario de 4$500 por dia, temos que trabalhar 10 horas, exijamos 600 reis por hora para qué em 8 horas, possamos ganhar um salario igual ou um pouco melhor.

Se nos pagam por peças, (e se continuamos a suportar este sistema de trabalho, que é preciso esforçarmo-nos, por suprimir) devemos obter, no preço de cada peça, um aumento compensativo, de modo que o salario se conserve no nivel anterior pelo menos.

Esta complexidade de conflitos em perspectiva não é mais do que aparente; na realidade, todos os problemas que a redução do trabalho a OITO HORAS levanta, serão resolvidos—por bem ou por mal—com a capitulação patronal, contanto que a vontade operaria se manifeste com um vigor que mostre ao patronato que ele tem mais a perder do que a ganhar se não satisfizer as nossas exigencias,

A este respeito. temos um exemplo que nos prova que se pode realisar uma redução de horas de trabalho, sem que d'ai resulte uma diminuição de salarios.

Quando em França se tratou de pôr um vigor a jornada de dez horas nos estabelecimentos mistos (de conformidade com a lei de 30 de março de 1900), temeu-se que resultasse desse facto uma diminuição de salarios. Pois não se tinha visto dar se este fenomeno em 1892, por ocasião da redução legal do trabalho das mulheres?...Mas a organização sindical desenvolveu-se enormemente de 1892 para cá!...Por isso, quando se pôz em pratica a jornada de dez horas, os patrões não puderam reduzir os salarios a seu gosto: fèz-lhes frente a resistencia operaria.

(Continúa)

Erata corige. No numero passado, por engano da revizão, lê-se na ultima coluna, linea 18 — Austria e Nova Zelandia — ao passo que deviase ler — Australia e Nova Zelandia.